

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Cleitinho entre Lula e Flávio Bolsonaro: “neutralidade”

Candidato do Republicanos ao governo de Minas Gerais, o senador Cleitinho Azevedo reapareceu nesta terça-feira, 11, no plenário do Senado para acompanhar as votações desta semana de esforço concentrado.

Estava solitário por volta das 18h quando se aproximou de sua cadeira o deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), ex-líder do PT na Câmara e um dos caciques da legenda em Minas.

Os dois se abraçaram como grandes amigos e o deputado sentou-se na cadeira ao lado. A cena foi presenciada pela coluna a média distância. Logo Reginaldo puxou assunto: “Parabéns. Você será um forte candidato, mas é claro que continuo torcendo pelo Patrus.”

Ele se referia ao deputado Patrus Ananias (PT-MG), que irá enfrentar Cleitinho na disputa pelo comando do Palácio da Liberdade. O senador sorriu e assentiu com a cabeça. E a conversa continuou no mesmo tom amigável.

Deu para notar quando o deputado perguntou se Cleitinho daria lugar no palanque ao candidato do PL a presidente da República, Flávio Bolsonaro. O senador disse que o Flávio já tem candidato em Minas, o ex-presidente da Federação das Indústrias (Fiemg) Flávio Roscoe. E que, por isso, ele fará uma campanha “independente, com neutralidade” em relação ao PT e ao PL no plano nacional.

É tudo que os petistas querem. Minas é decisivo na eleição presidencial. O comando do PT acredita que Luiz Inácio Lula da Silva(PT) pode-

rá se reeleger até mesmo em primeiro turno, se conseguir uma vantagem de mais de 1,2 milhão de votos no estado. Com Cleitinho apoiando Flávio, seria difícil alcançar essa marca.

Reginaldo Lopes levou ao comando nacional da legenda, no mesmo dia, o resultado dessa sua conversa com Cleitinho. Mas ele próprio não garantiu que o senador manterá essa posição até o final da eleição. “Ele pode mudar de ideia a qualquer instante. Com o Cleitinho tudo é possível”, argumentou.

A mesma opinião têm os caciques do PL em Minas. Desde que Cleitinho aguardou Flávio Bolsonaro anunciar a candidatura de Roscoe e lançou-se, dois dias depois, os bolsonaristas passaram a reclamar de terem sido vítimas de “um golpe”.

Segundo eles, Cleitinho nunca quis se comprometer, nem com a candidatura de Flávio Bolsonaro, nem com a de Lula. O senador, segundo as pesquisas, pode ter votos para governador tanto entre eleitores do PT com de bolsonaristas, por isso, esticou ao máximo sua decisão até o PL se ver obrigado a lançar candidato próprio.

O comando da campanha de Flávio Bolsonaro, no entanto, não desistiu do apoio de Cleitinho. Acredita que pode convencer o senador a aceitar que o candidato dos bolsonaristas a presidente tenha palanque duplo no estado: para Roscoe e para o senador.

Há entre os bolsonaristas quem defenda até que Roscoe abra mão da candidatura em troca do apoio de Cleitinho. Mas essa é uma hipótese que o comando do PL de Minas Gerais não gosta. Avalia que, se o senador mineiro se afastou propositadamente, ele poderá desistir do eventual apoio a Flávio em qualquer momento da campanha deixando o PL perdido em Minas e na disputa pelo Palácio do Planalto.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

Flávio: ser ou não ser Bolsonaro

Ao revelar que o índice dos que temem a volta de alguém da família Bolsonaro ao governo supera o medo da permanência de Lula, a pesquisa CNT/MDA indica o porquê da decisão da campanha do candidato do PL frisar seu prenome — Flávio — no lugar do sobrenome.

O resultado desfavorável ao clã — 39,4% rejeitam sua volta ao Planalto; 35,8% a continuidade do petista — está dentro da margem de erro da pesquisa, mas ilustra a dificuldade de se encontrar um perfil predominante de Flávio que, agora protagonista, depara-se com a dificuldade de ser Bolsonaro.

O senador fluminense não é candidato como consequência de sua carreira política, mas por ser filho do ex-presidente, que permanece como “dono” do sobrenome: Jair é o Bolsonaro, ele é responsável pela carreira do filho e por sua escolha como presidenciável. Se, em um improvável rompante, Jair mudar de opinião, Flávio será expulso do jogo.

Ao ganhar a candidatura, o senador procurou emplacar uma imagem de moderação, a história de ser o Bolsonaro que toma vacina; partiu do princípio que não teria rivais à sua direita e que precisaria rumar ao centro.

No início, deu certo: ainda que na margem de erro, ele chegou a ultrapassar Lula. Acudopelo caso Master, pelo pedido de dinheiro a Daniel Vercaro, precisou tocar reunir, e fez rufar os tambores de guerra de sua família.

As pesquisas mostram que, com a concla-

mação ao bolsonarismo-raiz, ele conseguiu estancar sua queda e, principalmente, evitou o crescimento de qualquer adversário no campo da direita. Por mais que radicalizem o discurso, os demais candidatos não conseguem sequer chegar perto dos dois dígitos nas intenções de voto.

E, aí, surge o impasse: a menos de dois meses para o primeiro turno, Flávio Boslonaro, como gostava de frisar o SBT antigamente, é o líder absoluto do segundo lugar, com grande chance de impedir a vitória de Lula na primeira rodada. Mas é travado por sua rejeição: 54,5% não voltariam nele no segundo turno, contra 46,2% que não aceitariam apertar o 13. O vento que faz seu barco correr — o bolsonarismo — é o mesmo que limita sua velocidade. Segundo a pesquisa, seria, hoje, derrotado por Lula no segundo turno (teria 39% dos votos contra 48% do adversário).

Para ser competitivo, Flávio precisa ser Bolsonaro, mas, para ganhar, teria que cometer um patricídio simbólico, que talvez não seria perdoado por seus potenciais eleitores. Sua necessidade de se livrar do peso paterno iria além das relacionadas ao crescimento autônomo de cada um de nós. Não se trata apenas de superar expectativas e imposições relacionadas à figura do pai, o problema é também eleitoral. Ele precisa provar ao eleitor (quicá a si mesmo) ser capaz de superar o pai; isso, sem cometer uma traição.

Entre ser Flávio ou Bolsonaro, o senador corre o risco da derrota. Enquanto isso, seus adversários deitam e rolam com a marca que destaca o “V” de seu prenome: leem Vercaro no lugar de vitória.

EDITORIAL

Entre fé, política e calendário

Campinas amanhece diferente neste 12 de agosto. Pela primeira vez o Dia do Evangélico é feriado municipal. A data foi oficializada por lei em setembro de 2025 e passa a integrar o calendário da cidade, marcando o primeiro novo feriado local em mais de duas décadas.

Mas todo feriado carrega mais do que descanso. Ele carrega significado. Significado sobre o que uma cidade decide reconhecer, valorizar e transformar em parte da sua identidade.

O Dia do Evangélico não surge por acaso. Ele reflete uma realidade cada vez mais presente: o crescimento das igrejas evangélicas e sua atuação direta na vida das pessoas. Em diferentes regiões de Campinas, essas comunidades desenvolvem trabalhos sociais, acolhem famílias e criam redes de apoio que fazem diferença no cotidiano de muitos moradores. Reconhecer essa presença é reconhecer uma parte importante da cidade.

Ao mesmo tempo, a criação da data convida a uma reflexão natural sobre o papel dos feriados em uma sociedade diversa. O Brasil é um país plural, com diferentes crenças, tradições e formas de viver a espiritualidade. Nesse cenário, o calendário público também acaba refletindo, de alguma forma, essa diversidade.

Campinas já convive há muito tempo com feriados de origem religiosa e, ao incluir uma nova data, amplia esse olhar. Mais do que uma questão de disputa, trata-se de um movimento de representação, que acompanha as transformações sociais ao longo do tempo.

Isso não elimina os debates. Feriados impactam a rotina da cidade, o funcionamento do comércio e a dinâmica dos serviços. Ao mesmo tempo, criam oportunidades de encontro, celebração e movimentação cultural. É um equilíbrio que precisa ser constantemente observado.

Neste primeiro 12 de agosto como feriado, Campinas inaugura mais do que uma nova data. A cidade reafirma sua capacidade de se transformar e de incorporar diferentes expressões da sua população.

Mais do que marcar uma crença específica, o Dia do Evangélico pode ser entendido como um convite à convivência, ao respeito e ao reconhecimento das diversas formas de fé que coexistem no espaço urbano.

Nesse contexto, a data também pode abrir espaço para iniciativas que vão além do aspecto religioso, como ações sociais, eventos culturais e atividades comunitárias que dialoguem com diferentes públicos. Ao ocupar o calendário oficial, o Dia do Evangélico tem potencial para fortalecer vínculos, estimular a participação coletiva e ampliar o diálogo entre diferentes grupos, contribuindo para uma cidade mais integrada e atenta às suas múltiplas vozes.

No fim, o valor de um feriado não está apenas no descanso que ele proporciona, mas no sentido que ele carrega. E, neste caso, o sentido pode estar justamente na construção de uma cidade mais plural, aberta e capaz de dialogar com a sua própria diversidade.

OPINIÃO DO LEITOR

Brasília florida

Brasília já começa a ficar mais bela com a florada dos ipês amarelos! É um colírio para os nossos olhos! Impossível o brasiliense não curtir. Beleza sem limite!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal